

## Curt Nimuendaju na Bahia

O último quartel de 1938 reservou-me agradabilíssima surpresa ao anunciar-me a velha ama a visita de um senhor, que parecia "homem direito" mas de "nome esquisito, Mandacaju".

Grande foi o meu espanto, quando se me apresentou Curt Nimuendaju (1), meu velho conhecido através de estudos do nosso estranho mundo indígena. Viera procurar um insignificante dilettante em Etnologia, a conselho dos frades franciscanos, no intuito de colher algumas informações pessoais a respeito do Sul do Estado da Bahia e principalmente no de inteirar-se do que existia publicado dos antigos viajantes e funcionários sobre os primitivos habitantes da região.

Principalmente na última parte pude satisfazer a sua curiosidade, mostrando-lhe o principal do que na matéria se conhecia.

Em decorrência, Nimuendaju passou duas semanas entre os meus livros. Só interrompia as suas leituras e notas na hora do almoço e este, para desespero da minha mulher, se restringia terminantemente a carne ou peixe, de preferência assados, feijão e farinha. Rara vez e apenas constringido provava outros pratos.

Ainda me lembro vivamente das nossas discussões, principalmente sobre dialetologia tupi-guarani, livros guaranis e tupis dos jesuítas, a sua tendência unificadora, tanto dos dialetos guaranis de lá como dos tupis de cá, e sobre a última novidade: o velho dicionário tupi dos jesuítas, que finalmente acabara de sair à luz, em São Paulo.

Embora estivesse eu então atarefado em assuntos diferentes e mais práticos, foram momentos maravi-

lhosos, ainda que muito fugazes.

À sua volta da jornada oficial de observação, que o levou até Vitória, Nimuendaju não me achou em casa. Estava eu na ocasião em viagem. Dêsse desencontro originou-se a carta-relatório, cuja tradução ora se publica a pedido de amigos universitários ávidos por tais informações, principalmente quando fluem de pena tão abonada.

FREDERICO EDELWEISS

Belém do Pará, 15 de agosto de 1939.  
Meu caro Edelweiss:

Quando passei na Bahia por ocasião da minha viagem de volta, de Vitória ao Pará, tornei a procurá-lo em sua residência para reiterar-lhe os meus agradecimentos pela franqueza com que pôs à minha disposição a sua maravilhosa biblioteca. Infelizmente não o encontrei.

Na qualidade de etnólogo deve sem dúvida interessá-lo saber o que ainda sobrevive dos nossos índios na região entre o Rio de Contas e o Rio Doce por mim visitada.

Observei o seguinte:

1º Em Olivença existem cerca de 300 descendentes dos *tupiniquins*, dos quais a terça parte mestiços e totalmente desculturados. Dois deles ainda falam alguma coisa da língua geral.

Os poucos sobreviventes dos índios costeiros de Barcelos, Trancoso etc. não visitei.

2º Os índios *baenãs* das cabeceiras do Rio Cachoeira de Itabuna contam uns dez indivíduos selvagens e hostis sem morada fixa. Não foram ainda classificados linguisticamente. Talvez falem um dialeto pataxó.

3º Os *patarós*, uma subtribo dos índios *hãhãhái*, contam 16 indivíduos no Pósto Paraguaçu do SPI nas margens do Rio Cachoeira. Os mais novos bancam os civilizados; os mais velhos ainda falam a sua língua e conservaram dois ou três elementos da cultura primitiva, mas não passam de polichinelos indígenas com os quais, em tal ambiente, nenhum trabalho científico foi possível empreender; muito o senti, porque esses patarós são os índios mais primitivos que até hoje encontrei.

Nas margens de um afluente esquerdo do Jequitinhonha ainda vivia há 4 anos um grupo de sete pessoas da mesma tribo, mas como depois nada mais deles se soube é provável que esteja extinto.

4º Os *camacós* que encontrei no Pósto Paraguaçu estavam representados por uma mulher velha puro sangue e dez mestiços. A velha ainda fala a língua e se lembra de algumas tradições (2).

5º Os índios de São Bento somam cerca de 130 indivíduos dos quais 86 vivem no Pósto Paraguaçu. Mais de 50 por cento são mestiços. Nada conservaram da sua língua e cultura primitivas e de já muito teriam sido absorvidos pela população sertaneja, se não fossem sistematicamente perseguidos e afugentados. São na sua maioria descendentes dos *cariris*, dos *camurus* e *sapuiás*, da aldeia de Pedra Branca, perto de Amargosa, de onde foram expulsos a ferro e fogo. Em conjunto com alguns outros índios (tupiniquis? botocudos?) da aldeia de Troncoso fundaram então a aldeia Santa Rosa, perto de Jequié, de onde não demoraram a ser também expulsos. Depois de muitas andanças reuniram-se novamente em S. Bento, nas cabeceiras do Catolé, um afluente da margem esquerda do Rio Pardo. Não tardou que também ali se vissem despojados das suas casas e plantações, só lhes restando refugiar-se no Pósto Paraguaçu, no que eu os aconselhei e amparei na medida das minhas possibilidades.

6º Os *maracaris*, que se chamam a si mesmo *monatzóbm*, montam a

130 indivíduos, dos quais um terço de mestiços. Têm língua e religião próprias, apresentando este interesse todo particular pelo culto às almas dos mortos inteiramente entregue aos homens, que o mantêm secreto. Isto explica a existência da "casa-dos-homens", cuja entrada é vedada às mulheres. Havia zunidores sagrados de que as mulheres não podiam tomar conhecimento e máscaras primitivas, que para as mulheres representavam almas de defuntos, etc. etc. Ainda mantém cerca de 50% da sua primitiva cultura material.

A tribo não vive em guerra aberta com os invasores do seu território, mas a situação é de contínuo sobressalto dentro da sua legítima gleba, que foi retalhada e vendida subrepticamente pelo último diretor do Pósto. A qualquer momento pode haver derramamento de sangue e só me admira que já o não houvesse. Com o SPI a tribo não mantém contato (3).

Os *maracaris* que vivem nas cabeceiras dos afluentes do Rio Itanhaém (Rio Alcobaça), próximos à fronteira da Bahia com Minas Gerais, são os únicos índios de toda a zona que ainda formam uma tribo e oferecem interesse etnológico. Entre 1816 e 1818 foram visitados por Saint Hilaire, Pohl e o príncipe de Wied-Neuwied. Desde então nada mais se soubera deles. *Não pertencem à família jê*, (4) nem lingüística nem culturalmente, mas constituem com os *macunis*, *monozós*, e *capozós*, etc. já extintos uma família à parte, como Loufastka conseguiu comprovar há algum tempo.

7º Da família dos botocudos pude observar:

a) Dez indivíduos puros e outros tantos mestiços na região da antiga missão, hoje cidade de Tambacuri, no Estado de Minas Gerais. São restos das tribos *aranã*, *nacnianuc* e *poitirá*. Estes últimos ainda eram hostis até 1908. A maioria ainda fala a sua língua, embora no mais estejam completamente desculturados.

b) No pósto do SPI Guido Mar-

lière na margem setentrional do Rio Doce (Minas) vivem 35 descendentes da tribo *nacrehé* do Rio Manhuaçu. Cerca de 50 por cento são mestiços. Além da língua nada mais possuem da sua cultura original.

No mesmo pósto ainda moram seis outros botocudos, sobreviventes das tribos *txonvign* (*crenác*), *nacpie* (*nculcrác*) e *nactun*.

c) No Pósto de Pancas, ao norte do Rio Doce (Espírito Santo) vivem 13 botocudos, doze deles da tribo *nacrehé* e um, o último da tribo *minháirugn*, que ocupava antigamente as margens do Pancas (5).

8º No mesmo pósto vivem, há dois anos, de 50 a 60 *guaranis* originários do Rio Grande do Sul de onde vieram pelo litoral. Na costa de São Paulo viram o seu número reforçado por outros *guaranis*. Os do Rio Grande deixaram-se ficar finalmente no Pósto de Pancas, mas o troço paulista continuou a sua viagem ao longo do mar, aparentemente à procura da "terra sem mal". Nada sel do paradelro atual.

Resumindo o resultado científico destas minhas andanças de oito meses, devo confessar que foi decepcionante, pois não passa: dos termos de parentesco e de resumida coleta de contos e lendas dos *camacás*; de de um estudo muito superficial dos *maracaris*; da lista dos termos de parentesco e de uma vasta árvore de costado de um bando botocudo, a qual ilustra fielmente a existência do sororato e levirato; de uma interessante coleção de contos e lendas do mesmo grupo que ilustram as suas idéias religiosas; de uma estátua de madeira que o último *nacpie* esculpiu para mim espontaneamente; na forma em que nos tempos idos entrava no culto aos *marét* (entes sobrehumanos de ambos os sexos, visíveis apenas a uns poucos privilegiados).

Dos *patazós*, *camacás*, *maracaris* e dos botocudos das tribos: *araná*, *nacnhanuc*, *nacrehé*, *nactü* e *ninháirugn* tomei notas lingüísticas sem maior valor. Dos *maracaris* fiz uma coleção etnográfica de 260 objetos, que distribuí entre os museus do

Rio de Janeiro, Belém do Pará e Gotemburgo. Dos *patazós*, consegui apenas uns poucos objetos.

Pelo mesmo correio tomo a liberdade de enviar-lhe algumas separatas de publicações minhas e muito lhe agradeceria se também se lembrar de mim nas suas futuras publicações.

Com gratas recordações, aqui permaneço o seu penhorado

CURT NIMUENDAJU

1 O próprio Nimuendaju foi sempre reticente, mesmo em colóquio informal comigo, quanto ao sentido deste seu nome apapocuva. Dos Interpretadores, só o Prof. Egon Schaden nos oferece sugestões para uma tradução aceitável. *Revista do Museu Paulista* São Paulo, 8: 56, 1954, nova série.

Entretanto, para um *guaranista* ou mesmo um *tupinista*, só a sílaba inicial *ni* e principalmente a final *ju* podem provocar dúvidas sem o auxílio de outros dialetos.

*Ni* corresponde ao pronome reflexivo tupi *nhe - se*.

*mu* é a forma apapocuva da partícula transitivadora *mo* de diversos dialetos tupi-guaranis.

*endá*, em tupi endara (*t-x-*), se traduz por: o que está quieto, o sedentário.

*Nimuendá* tem a forma *nhemuendara* em tupi e se traduz por: o que se aquieta, o que toma pouso.

*ju* advérbio apapocuva que parece poder traduzir sofrivelmente por: mesmo, certamente, definitivamente.

Portanto, *Nimuendaju* vem a ser: O que definitivamente toma pouso, — o que se incorpora.

2 Vide notícias mais desenvolvidas em Nimuendaju & Guérios. Cartas etno-lingüísticas. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, 2: 207-41, 1948, nova série.

3 Dados adicionais encontram-se em *Revista de Antropologia*. São Paulo, 6: 53-61, 1958.

4 O grifo lembra a discordância

surgida numa de nossas trocas de opiniões.

5 Vide Baldus, H. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo, Comissão do IV Centenário, 1954. v. 1, § 1110. O artigo desenvolve a organização social e as crenças dos botocudos.

## INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DOS COMPUTADORES SÔBRE A FORMAÇÃO BIBLIOTECONÔMICA

O estudo a seguir reproduzido, de autoria de Alan M. Rees, da Escola de Ciências Biblioteconômicas da Case Western Reserve University, de Cleveland, EUA, foi publicado em *Bulletin de l'Unesco*, vol. XXIII, nº 1, jan./fev. 1969, pp. 28-33. A versão aqui apresentada foi usada, para estudo, pelos alunos da Escola de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal da Bahia. A tradução é da Profa. F. Liberato de Matos Carvalho.

A revolução processada no domínio das comunicações é agora um fato consumado, de todos conhecido. Os satélites e os computadores oferecem possibilidades, sem precedentes, de comunicação imediata. A noção de interação entre homem, computador, a tecnologia dos sistemas interativos e de múltiplos acessos permitirão uma ampliação e intensificação das ligações pelo computador próprias para transformar os meios tradicionais de comunicação. Vários grupos compostos de pesquisadores ligados entre si e agindo uns sobre os outros graças a rédes de computadores já se constituíram (1). O certo é que as sociedades fornecedoras de serviços de documentação mecanizada chegarão um dia a vender as informações, assim como as companhias de ele-

tricidade vendem atualmente a corrente.

O papel que as bibliotecas terão no vasto domínio das comunicações por computador está longe de aparecer claramente. Ainda não foi estudada a influência que exercerá sobre a procura de documentos da biblioteca, a transmissão instantânea e direta das informações inscritas sobre um painel catódico. A intervenção de um intermediário, tal como o bibliotecário, poderá parecer supérflua ao indivíduo que tem acesso direto ao computador ou que, por intermédio do computador, está em contato com outras pessoas interessadas nas mesmas questões. É possível que a maior parte das necessidades em matéria de informação possa ser satisfeita por um diálogo direto. Pesquisas sobre a utilização dos conhecimentos registrados numa época em que existem rédes de comunicação conectadas e interativas poderiam ser extremamente vantajosas. Ao curso dos próximos decênios se deverá examinar os objetivos tradicionais das bibliotecas e a missão dos bibliotecários, levando igualmente em conta as modificações sociais em matéria de comunicação que os progressos científicos e técnicos recentes tornaram possíveis, no domínio das comunicações.

## A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NOS PROGRAMAS DAS ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA

A formação dos bibliotecários foi adaptada às mudanças verificadas no domínio das comunicações? Certos aspectos de sua evolução indicam uma tomada de consciência da aparição de uma ciência e de uma tecnologia da informação, assim como das incidências sobre as atribuições e os serviços duma biblioteca? É evidente que vários programas de estudos foram, até certo ponto, atualizados. No início de 1967, 25 escolas de biblioteconomia reconhecidas pela ALA ofereciam pelo menos um curso sobre a ciência da

informação no sentido mais amplo do termo (2).

A seguir, novos cursos deste gênero foram criados: atualmente existe pelo menos um, nas 35 das 44 escolas reconhecidas, e o número de escolas que oferecem mais de um aumentou (3). A título de exemplo, assinalamos que 6 cursos são dados sobre a ciência da informação na Universidade de Califórnia (Los Angeles) e na Universidade de Chicago; 9 na Universidade de Califórnia (Berkeley); 13 na Case Western Reserve University e de 3 a 5 em vários outros estabelecimentos (4). Além disso, 12 escolas de biblioteconomia para graduados não-agregadas organizaram tais cursos (5).

É muito difícil estabelecer uma correlação precisa entre os títulos dos cursos e seu conteúdo, desde que não há um acordo geral sobre a definição das nações de documentação, de recuperação da informação, da ciência da informação e da automatização das bibliotecas. Analisando as descrições e os planos dos cursos, constata-se que se estruturam em três setores principais.

*Setor I — Automatização das bibliotecas.* Análise dos sistemas, computadores e material conexo, teoria e prática de automatização das operações e das técnicas biblioteconômicas no que diz respeito às aquisições, ao tratamento dos periódicos, aos empréstimos, à catalogação, etc.

*Setor II — Sistemas de Armazenagem e de recuperação dos documentos e das informações.* Elaboração de sistemas de localização, análise do conteúdo, estabelecimento de resumos analíticos e indexação, estrutura das línguas de indexação, classificação dos *dossiers*, análise das questões, estratégia da recuperação, difusão; tradução, preparo do ensaio e avaliação.

*Setor III — Metodologia da pesquisa em matéria de ciência da informação.* Princípios e Instrumentos de base das matemáticas, da lógica, da lingüística, da estatística, da psicologia e de outras disciplinas; sua

aplicação ao estudo das atividades biblioteconômicas ligadas às comunicações. Em 1967, o número de cursos relativos a estes diversos setores se estabeleciam como se segue: *Setor I*, 25 cursos (em 17 instalações); *Setor II*, 39 cursos (em 19 instituições); *Setor III*, 13 cursos (em 6 instituições) (6). Na maioria das instituições existe ao menos um curso estruturado sob um ou mais destes 3 setores. Apesar de certas diferenças no enunciado das questões, é possível traçar uma linha de demarcação entre a automatização das bibliotecas, a localização dos documentos e das informações, e a ciência da informação.

O *Setor I* (automatização das bibliotecas) trata da utilização dos computadores e do material conexo, visando ampliar a eficácia das atividades biblioteconômicas correntes (aquisições, tratamento dos periódicos, catalogação, empréstimo, etc.). São estas as operações e as técnicas que são relativamente fácil normalizar, organizar e controlar com a ajuda dos computadores.

A distinção entre os setores II e III ilustra a correlação entre uma ciência e as técnicas que lhe dizem respeito. A Ciência da Informação é uma disciplina teórica que concerne à aplicação dos métodos de pesquisa científica para o estudo das comunicações, assim como às propriedades dos sistemas de comunicação. Ela trata do comportamento, das características e da transmissão das informações, dos processos postos em jogo pela comunicação, assim como dos instrumentos necessários à concepção, à realização e à avaliação dos sistemas de comunicação. H. Borko (7) mostra que a ciência da informação engloba ao mesmo tempo "uma ciência pura que visa estudar as questões sem levar em conta as aplicações possíveis e uma ciência aplicada cujo objetivo é colocar em execução serviços e produtos". Segundo R. M. Hayes (8) "a ciência da informação é uma disciplina teórica... que tem ligações com a tecnologia da infor-

mação mas não se confunde de modo algum com ela...; é lastimável que haja uma tendência em não se estabelecer diferença entre as duas". Assim, a ciência da informação se distingue da tecnologia da informação — expressão que pode ser considerada como designando os "sistemas de armazenagem e de recuperação dos documentos e das informações". Como, porém, após dez anos, a maior parte dos trabalhos relativos à ciência da informação se enquadram na ciência aplicada, acontece frequentemente que ninguém se dá conta de tal distinção. Nem mesmo o fato de que os sistemas de recuperação utilizam dispositivos muito complexos é suficiente para transformar uma tecnologia em ciência (9).

### **PLANOS DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS SOBRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Parece que em várias escolas de biblioteconomia se consagra atualmente muito tempo, atenção e esforços na elaboração de planos de estudos especializados sobre ciência da informação. Esta especialização se reveste das seguintes formas: organização de cursos sobre os diversos aspectos da ciência da informação (pura e aplicada), execução de projetos de pesquisas ligados aos programas de ensino e estabelecimento de programas de preparação ao doutorado baseados sobre a ciência da informação. Os estabelecimentos em questão se empenham em colocar em dia planos de estudos próprios a dar aos estudantes, tanto no nível de mestrado quanto no de doutorado, uma formação bem profunda em matéria de metodologia da pesquisa. Em igual caso, a ênfase é posta nos assuntos do setor III (metodologia da pesquisa em matéria de ciência da informação).

A título de exemplo, eis aqui uma série de listas de cursos que darão uma idéia do conteúdo destes planos de estudos especializados.

#### **1. Universidade de Califórnia**

(Berkeley): iniciação às ciências da informação; seminário sobre a recente evolução das ciências de informação; seminário sobre as técnicas de mecanização da documentação; seminário sobre os meios de computar os dados e de responder as questões por vias automáticas; iniciação às modalidades de elaboração dos sistemas de informação; métodos e sistemas especiais de indexação, computação dos dados nas bibliotecas; modalidades de circulação das informações científicas.

2. Universidade de Califórnia (Los Angeles): iniciação à ciência da informação; o tratamento dos dados nas bibliotecas; os sistemas de recuperação da informação, análise e elaboração dos sistemas de informação; estágio de estudos sobre a ciência da informação; análise e elaboração dos sistemas da informação; sistemas baseados nos dados.

3. Universidade de Chicago: teorias de indexação e de classificação; sintaxe logarítmica; tradução mecânica e tratamento dos dados lingüísticos; linguagem, processos simbólicos e ordenadores; cibernética e epistemologia; planificação dos sistemas de biblioteca (I e II).

4. Universidade de Maryland: elaboração e atualização das línguas de indexação; seminário sobre os sistemas de documentação e informação, sua experiência e avaliação; métodos de pesquisa no domínio da biblioteconomia e da informação; iniciação ao processamento de dados para as bibliotecas; processamento de dados nas bibliotecas (nível superior).

5. Case Western Reserve University: documentação; automatização das atividades biblioteconômicas; trabalhos de laboratório sobre os sistemas de recuperação da informação; processamento das informações pelos computadores; processamento automático dos dados lingüísticos; iniciação à teoria da recuperação da informação, centro e serviços de informações especializadas; matemática pura e ciência da informação; matemática aplicada e ciência da in-

longe seus estudos. Atualmente, a maioria dos titulares do grau de *master* não tem a necessária competência para analisar o funcionamento dos serviços de bibliotecas e definir as principais variantes que entram em jogo. O ensino biblioteconômico tem essencialmente por objetivo habilitar os estudantes — não a resolver problemas em geral e analisar os sistemas em particular —, mas a exercer trabalhos correntes e aplicar técnicas prefixadas, de sorte que eles não estão absolutamente preparados para modificar as práticas biblioteconômicas. É assim que muitos poucos diplomados por escolas de biblioteconomia aprenderam, por exemplo, a analisar o processo de documentação do ponto-de-vista das variantes postas em jogo para sua interação; é muito raro que eles sejam capazes de definir os objetivos de tal processo, elaborar novos métodos para atender aos objetivos visados e avaliar sua eficácia.

O ensino biblioteconômico ministrado em nossos dias não compreende inclusive as iniciações à metodologia formal. Os cursos sobre automatização dos serviços de biblioteca e recuperação da informação são muito numerosos, mas, na sua maior parte, destinados a dar aos estudantes uma visão de conjunto da questão ou uma formação puramente prática. Ora, para que os bibliotecários sejam capazes de organizar serviços de biblioteca e os automatizar na totalidade ou em parte, é mister que disponham de instrumentos metodológicos apropriados: é indispensável que adquiram conhecimentos sobre os modelos matemáticos, a teoria matricial, a estatística, a teoria dos gráficos e das redes, a lógica algébrica, a análise dos sistemas, a tecnologia dos computadores e os assuntos conexos. Tais conhecimentos devem ser cuidadosamente integrados ao conjunto do programa de estudos a fim de que os estudantes não só compreendam a metodologia, mas também tenham a oportunidade de

aplicá-la ao funcionamento real ou simulado de serviços de bibliotecas. A formação biblioteconômica deve proporcionar antes de tudo os meios de resolver os problemas e desenvolver a capacidade de analisar as diversas funções das bibliotecas. Trata-se não de opor a teoria à prática, mas sobretudo de insistir sobre o *porquê* e o *como*, em lugar de habilitar os estudantes a se conformarem com as práticas tradicionais.

As escolas de biblioteconomia podem ter um papel muito útil na preparação do *master's degree* se os estudantes tiverem recebido, de início, os conhecimentos apropriados em matemática e em outros domínios conexos. No nível de doutorado podem ser reforçados os programas de estudos sobre a ciência da informação, pela introdução de cursos baseados na metodologia, e alguns programas evoluem, efetivamente, nesta direção. Entretanto, as possibilidades de pesquisa neste nível são limitadas, pelo fato de que as escolas de biblioteconomia destinam à pesquisa um lugar muito diminuto. Em 1966/67, menos de 0,5% do orçamento total do conjunto de 99 escolas (reconhecidas ou não) que, nos Estados Unidos da América, recebem estudantes graduados, foi consagrada à pesquisa. E sobre os 3 milhões e meio de dólares destinados às pesquisas biblioteconômicas em todo país, somente 484.618 dólares foram gastos nas escolas de biblioteconomia. Ora, é evidentemente difícil elaborar programas de estudos aprofundados no nível de doutorado se não se puder apoiar sobre tais pesquisas.

## CONCLUSÃO

Para fazer face ao desenvolvimento das técnicas de comunicação, as escolas de biblioteconomia dos Estados Unidos da América juntaram aos seus programas cursos sobre a ciência da informação, a recuperação da informação e a automatização dos serviços de documentação e de biblioteca. Na hora atual

formação; análise dos sistemas e ciência da informação; sistemas auto-organizadores; lingüística e ciência da informação; sistemas de recuperação da informação.

Parece que a aplicação destes planos de estudos especializados implica não somente a criação de cursos sobre a ciência da informação, mas, também, certas mudanças na orientação das escolas de biblioteconomia. Estas se empenham em elevar o nível do seu ensino, graças à organização de novos cursos, ao desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa e à produção de teses de doutorado e de publicações, baseando tôdas estas atividades sobre a ciência da informação.

### **AS ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA FORMAM ESPECIALISTAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ?**

Para fazer face à revolução que surgiu no domínio das comunicações, as escolas de biblioteconomia se estão preocupando antes de tudo em acrescentar aos seus programas cursos sobre a automação dos serviços de biblioteca e a recuperação da informação. Esta formação está nitidamente centralizada sobre os aspectos tecnológicos da ciência da informação. Foram congregados esforços para inculcar nos estudantes conhecimentos sobre computadores e material conexo, assim como suas aplicações no domínio da biblioteconomia. Ao mesmo tempo se procura familiarizá-los com a estrutura dos sistemas de recuperação e mostrar em que tais sistemas interessam aos bibliotecários. É fora de dúvida que estas tentativas foram coroadas de sucesso no sentido que, no conjunto, os bibliotecários diplomados em 1968 compreendem muito melhor a natureza da ciência da informação que aqueles que obtiveram seus diplomas em 1965.

Entretanto, se bem que as escolas de biblioteconomia iniciem seus estudantes à ciência da informação, não parecem que eles formem um

grande número de especialistas desta disciplina. Na definição dos objetivos dos programas, há sempre a questão de preparar especialistas capazes de analisar, de maneira rigorosa e sistemática, os serviços de biblioteca e de elaborar os processos que permitam sua automatização. Mas, apesar das declarações dos reitores e dos professores, não parece que se esteja verdadeiramente em vias de formar bibliotecários de um novo tipo, aptos a preparar o futuro, colocando em dia novos gêneros de serviços e de instituições, no domínio biblioteconômico. Além disso, está claro que os antigos alunos das escolas de biblioteconomia não se estão orientando para a profissão de especialistas na ciência da informação: dos 2.865 recém-diplomados cuja colocação foi assinalada em 1968, a maioria exerce, numa biblioteca, funções do tipo clássico (10).

Salvo em algumas escolas de biblioteconomia, que aplicam programas de pesquisa ativa, os cursos sobre a ciência da informação visam, antes de tudo, dar noções básicas a estudantes destinados ao exercício de uma carreira de bibliotecário do tipo tradicional. Este é um objetivo muito fácil de compreender, desde que nem todos os diplomados por escolas de biblioteconomia são chamados a se tornar especialistas na ciência da informação. Não parece todavia que as escolas de biblioteconomia tenham se empenhado em formar profissionais capazes de se afastarem das práticas e métodos estabelecidos e adotar novos; na preocupação de satisfazer às necessidades imediatas, se omite o preparo para o futuro.

Naturalmente não se pode esperar que titulares de um *master degree* obtido após um ano de estudos biblioteconômicos introduzam imediatamente inovações nos serviços complexos de biblioteca. Seria mais realista procurar formar nos estudantes um conjunto de noções sobre as quais se poderiam fundamentar para futuras inovações — por exemplo, depois de haver levado mais



elas formam um pessoal capaz de compreender os rudimentos da tecnologia dos computadores e suas aplicações às atividades bibliotecônicas, mas não de empreender uma análise sistemática do funcionamento dos serviços de biblioteca. Muito poucos egressos dessas escolas se orientam para a profissão de especialistas na ciência da informação, porque lhes faltam os conhecimentos metodológicos necessários e também porque atualmente existem poucos lugares a preencher neste domínio. No nível da preparação ao grau de *master*, um certo número de planos de estudos especializados no campo da ciência da informação baseados sobre uma formação metodológica mais sistemática, foram estabelecidos. Por outro lado, muitas escolas de biblioteconomia que fazem pesquisas sobre a ciência da informação põem atualmente em dia, no nível do doutorado, programas de estudos aprofundados: desse modo se pode esperar chegar a formar diplomados especializados na pesquisa e com a competência e requisitos necessários para dar uma contribuição criadora e renovadora tanto à ciência quanto à tecnologia da informação.

1 CROWLEY, J. *Modern communications*. New York, N. Y. Columbia Un. Press. 1962; LICKLI-

DER, J. C. R. *Libraries of the future*. Cambridge, Mass.. MIT Press, 1965; INTREX *Report of planning conference on information transfer experiments*. Cambridge, Mass., 1965.

2 REES, Alan M. & RICCIO, Dorothy "Information science in library school curricula". *International conference on education for scientific information work*, Queen Elizabeth College, London, April 3-7, 1967, p. 29-37. The Hague (Pays-Bas), 1967. (FID publication nº 422).

3 SCHICK, Frank L., ed. *North American Library Education, directory and statistics, 1966-1968*. Chicago, Ill., American Library Association, 1968.

4 Données inédites, Association of American Library Schools.

5 SCHICK, *op. cit.*

6 Uma lista destes estabelecimentos e dos títulos dos cursos se encontram no artigo de Rees, citação nº 2.

7 BORKO, Harold. "Information science: what is it?" *American documentation*, 19: 3, Jan. 1968.

8 HAYES, R. M. "The Development of a methodology for system design, its role in library education". *Library Quarterly*, 34: 340, Oct. 1964.

9 SARACEVIC, Tefko & REES, Alan M. *The Impact of information science on library practice*, s. l., s. ed. June 1968. p. 18.

10 SCHICK, *op. cit.*